

## PATRIMONIO FLORISTICO DO PARQUE NATURAL DO ALVÃO E ESTRATEGIA DE PROTECÇÃO DOS SEUS RECURSOS GENETICOS.

JOSE ALVES RIBEIRO\*, MIGUEL SEQUEIRA\*\* & LUIS TORRES DE CASTRO\*\*

\* Dep. Protecção de Plantas UTAD (Portugal)

\*\* Dep. Biologia UTAD

Recibido: Febrero 1992

Palabras Clave: Parque Natural, protecção, Alvão, Portugal

Key words: Natural Park, protection, Alvão, Portugal

### RESUMO

Neste artigo alinha-se, através de uma revisão bibliográfica complementada com observações de campo, uma resenha monográfica genérica do Parque Natural do Alvão no que respeita ao seu coberto vegetal, salientando as suas principais comunidades florísticas conforme as suas diversas sub-regiões e micro-ecologias. São explicitadas as espécies vegetais quanto a nós mais merecedoras de protecção, pela sua raridade, beleza e expressão caracterizadora dos agrupamentos fitossociológicos em que estão inseridas. Na segunda parte desta resenha tecem-se algumas sugestões relativas a contribuição da Universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro para uma mais estreita articulação de estratégias no sentido da preservação deste valioso património florístico.

### RESUMEN

Se trata de una pequeña reseña monográfica genérica del Parque Natural de Alvão en lo que respecta a su cobertura vegetal, realizada a partir de una revisión bibliográfica complementada con observaciones de campo. Se señalan sus principales comunidades florísticas conforme a las diversas subregiones y microclimas. Se especifican aquellas especies más merecedoras de protección atendiendo a su rareza, belleza y grado de caracterización de las agrupaciones fitosociológicas en las que se encuentran enmarcadas. En la segunda parte se consideran algunas sugerencias relativas a la contribución de la Universidad de Trás-os-montes e Alto-Douro en lo que se refiere a una más estrecha articulación de estrategias para la preservación de este valioso patrimonio florístico.

### CARACTERIZAÇÃO FITOGEOGRAFICA E FLORISTICA

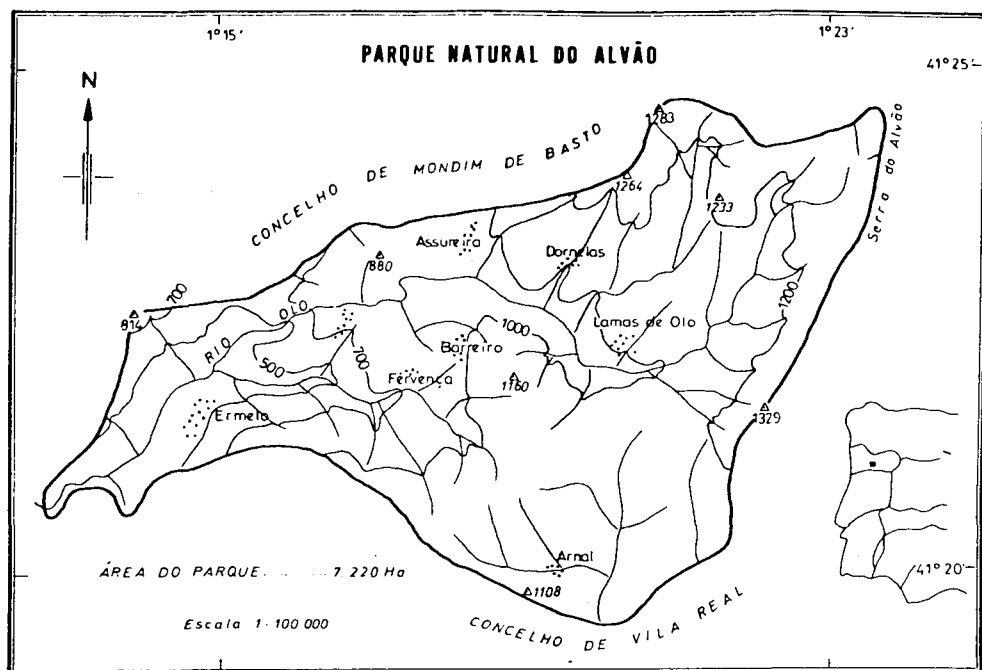
O Parque Natural do Alvão é um pequeno parque com a área de 7200 ha

situado na serra do Alvão, em Trás-os-Montes e Alto-Douro, província do Norte de Portugal, abrangendo 3 freguesias e uma população aproximada de 2000 pessoas, que vivem essencialmente de agricultura e pecuária.

É, pois, uma paisagem humanizada com pequenas searas, hortas e prados (lameiros) recortadas nos carvalhais, soutos, pinhais e matos arbustivos que ora se esgueiram pelas imponentes escarpas das encostas pedregosas, ( Havendo mesmo locais especialmente belos pela sua magnífica paisagística rochosa como as xistentas escarpas de falha das quedas de água do troço médio do rio Olo as denominadas "Fisgas" de Ermêlo ou a majestosa paisagem "lunar" de blocos graníticos num sub-planalto contíguo ao vale do rio Arnal na vertente leste, voltada para o vale do Corgo e para Vila Real e conhecida por "Muas" do Alvão), ora se adensam com mais viçosidade e mais pujança nas apertadas linhas de água ao longo das encostas e nos abertos subplanaltos envolventes do troço superior em vale suave do rio Olo, principal curso de água deste Parque.

O clima é húmido e sub-atlântico, ou seja com uma razoável distribuição da pluviosidade, no âmbito da mediterraneidade (Dez.-Fev. 40%; Mar.-Maio 25%; Jun.- Ago. 7.5% e Set.- Nov. 27.5% de um total de 1300 a 1800 mm consoante as zonas), com temperaturas médias entre 12.5°C nos níveis submontano e montano e 10 °C no altimontano, havendo ainda a assinalar 50 a 60 dias de geada por ano (médias de 30 anos).

A área do Parque estende-se desde a altitude de 345 m na referida área de Ermêlo, numa situação próxima do submontano, até os 1330 m nas cumeadas da serra, numa situação altimontana. A configuração geral do Parque e a sua inserção podem ser observadas no mapa abaixo.



A geologia do Parque é essencialmente granítica, com algumas "almofadas" residuais de xisto, quer no troço médio e inferior do rio Olo, nas referidas escarpas de falha das quedas de água, quer também nalgumas manchas xistentas dos planaltos altimontanos para onde foram arrastadas pela ascensão herciniana do granito, demonstrando a origem tectónica desta serra como de outras montanhas graníticas do NW peninsular.

Pela cartografia fitogeográfica de RIVAS-MARTINEZ (1979), está este parque incluído na província fitogeográfica Carpetano-Ibero-Leonesa, no limiar de dois sectores: o Ourensano-Sanabriense um tanto mais atlântico, aliás próximo da região Euro-Siberiana, e o Lusitano-Duriense, um pouco mais continental, situando-se na ecologia do supramediterrâneo nos andares submontano (400-700 m) e montano (700-1000 m) e do oro-mediterrâneo no piso altimontano (1000-1300 m). Pela carta de MANIQUE E ALBURQUERQUE (1982), está inserido na região por este autor denominada de Terra Fria de Montanha, de feição ecológica sub-atlântica e oro-atlântica, de acordo com os níveis altimétricos.

No andar submontano, nas zonas de Ermêlo e de Mondim de Basto, nas vertentes ocidental e sudocidental da serra, mais quentes pela menor altitude e pela exposição, a mediterraneidade é aí bem patente instalando-se as sub-associações *Quercetosum suberis* e *Viburnetosum-Quercetum roboris*, do *Rusco aculeati-Quercetum roboris* com os seus típicos arbustos sub-mediterrâneos como sejam *Arbutus unedo*, *Cistus populifolius*, *Cistus psilosepalus*, *Genista falcata*, *Phyllirea angustifolia*, *Daphne gnidium*, numa zona de transição para os matos arbustivos da *Cisto-Lavanduletea*. Grande parte desta área está ocupada por pinhal de *Pinus pinaster* e parte dele muito depauperado pelos fogos, que muito tem degradado toda essa parte ocidental do Parque.

Nas zonas rochosas graníticas instalam-se comunidades rupícolas granitícolas de *Sedion* e de *Digitalio Thapsi-Dianthetum lusitanicum* (surgindo esporadicamente a variedade albida da *Digitalis thapsi*) nas zonas mais xerofíticas e soalheiras, e de *Asplenium billotii-Cheilanthes tinaei* nas fissuras mais umbrosas. Nas zonas xistentas mais mediterrânicas do piso submontano aparecem comunidades saxícolas do *Phagnalo-Rumicetum indurati* a colonizar gretas de rochas, escarpas e taludes. Nos xistos granatíferos das "Fisgas de Ermêlo" instalam-se comunidades rupícolas, algumas também do *Sedion* e outras ainda mais interessantes como a *Sileno foetidæ-Dianthetum lusitani* onde se integra o *Teucrium salviastrum* (endemismo lusitano) e o *Thymus caespitius*, tomilho de hábitos reptantes que se estende qual tapete de filigrana verde-rosa pelos taludes pedregosos das encostas, num primaveril deslumbramento. Nas escarpas de escorrimento junto às beiradas do Olo e do Fervença, instalamse viçosos tufos de *Saxifraga clusii*, também abundante no Gerês, bem como *Linaria triornithophora*, acompanhadas de frondosos pteridófitos que adiante nomearemos.

Estas comunidades rupícolas dão lugar a outras comunidades herbáceas mais complexas mas ainda acidófilas e silicícolas dos *Tuberarietea guttatae* inserida em solos esqueléticos xistentos ou graníticos, onde a par do *Therocistus guttatus* (L.) Holub (*Tuberaria guttata* (L.) Fourr.) se podem encontrar algumas outras espécies interessantes como *Hispidella hispanica*, *Illecebrum verticillatum*,

*Arnoseris minima* e *Poa bulbosa*.

Nos andares montano e altimontano as comunidades arbustivas dos **Cisto-Lavanduletea** cedem lugar aos **Calluno-Ulicetea** de mais acentuada atlanticidade (subaliança do *Ericenion umbellatae*) com duas associações predominantes: **Halimio-Ericetum australis** com *Halimium alyssoides*, *Erica australis*, *Calluna vulgaris*, *Chamaespartium tridentatum*, *Erica umbellata*, *Erica cinerea*, *Ulex europaeus* e *Cytisus* spp. nas encostas graníticas ou xistentas mais secas e pedregosas, e o **Genisto anglicae-Ericetum tetralicis** com *Genista anglica*, *Erica tetralix*, *Genista micrantha*, *Ulex minor*, *Calluna vulgaris*, *Erica umbellata*, *Polygala vulgaris*, *Lithodora prostrata*, *Galium verum*, *Luzula lactea* (endemismo ibérico de expressão predominantemente lusitânica), *Helianthemum nummularium*, *Campanula lusitanica* e *Arenaria montana* nos subplanaltos mais húmidos, subturfosos e sujeitos a encharcamentos temporários, dos horizontes abertos e aplanados das altitudes superiores.

Nos vales abertos e nas manchas sub-planálticas com melhores solos, mantêm-se alguns carvalhais, geralmente bosques mistos de *Quercus robur* e de *Quercus pyrenaica*, dada a situação de transição litoral/interior que faz convergir nesta área a fitogeografia daquelas duas quercíneas caducifólias.

Nos planaltos mais elevados surgem os vidoais de *Betula celtiberica* e *Betula alba*, algo empobrecidos de árvores e ocupados pelo **Genisto anglicae-Ericetum tetralicis** e também com alguns pinhais de *Pinus sylvestris* e *Pinus nigra* provenientes de florestação artificial.

No sub-bosque destes carvalhais encontramos diversas espécies de elevado valor botânico e ecológico, a começar pelas características das duas associações mais importantes do domínio do carvalho roble, o *Ruscus aculeatus* nas fâcies mais secas e mais baixas e o *Vaccinium myrtillus* nas zonas mais altas, avançando mesmo para o sub-bosque de carvalho-pardo, na sua procura de humidade e frescura estival em situações mais continentais (outras arbóreas e arbustivas companheiras dos carvalhos são também de valor inestimável e a elas nos referiremos na segunda parte deste artigo). Mas algumas outras espécies, como certas herbáceas de grande fragilidade mas de rara beleza, também se refugiam nestes bosques, como *Lilium martagon*, *Erythronium dens-cani*, *Anemone trifolia* ssp. *albida* (endemismo do noroeste peninsular), *Aquilegia dichroa*, *Pentaglottis sempervirens*, *Omphalodes nitida*, *Melittis melissophyllum* e *Prunella grandiflora*.

No **Cisto-Lavanduletea** submontano e no **Halimio Ericetum australis** apenas há a assinalar com especial interesse botânico algumas arbustivas e subarbustivas aromáticas de ecologia xerófila como *Cistus* spp., *Thymus zygis*, *T. mastichina*, *Lavandula pedunculata*, *L. luisieri* (mais rara), *Origanum virens*, *Calamintha nepeta* e certas herbáceas de floração temporária como *Asphodelus ramosus* (espécie pirófila e relativamente abundante), *Orchis morio* ssp. *picta*, *Simethis mattiazii* (Vandelli) López & Jarvis (*S. planifolia* (L.) Gren.) *Pulicaria odora*, *Iris xiphium*, *Petrorrhagia nanteuillii* e *Cephalanthera longifolia*.

Já a **Genisto anglicae-Ericetum tetralicis**, instalada a maiores altitudes e fâcies mais húmidas, é bastante mais rica de espécies, com bastantes herbáceas que aí vegetam protegidas pelos arbustos, algumas relativamente raras como o caso da *Drosera rotundifolia*, planta insectívora refugiada nas esponjosas almofadas

de musgos de *Sphagnum* instaladas nas fácies mais encharcadiças. Assim como algumas preciosíssimas bulbosas como *Crocus clusii*, *Merendera pyrenaica*, *Gentiana pneumonanthe*, *Narcissus triandrus* e *N. bulbocodium*, *Romulea bulbocodium*, *Hyacinthoides hispanica* e *Gagea soleirolii* e não menos preciosos hemisporófitos como *Bellis perennis*, *Chamaemelum nobile*, *Linum* spp., *Phalacrocarpum oppositifolium* em fácies também sub-turfosas mas melhor drenadas, sendo este último um endemismo ibérico altimontano e de preferências sub-rúpicolas.

Nas beiradas dos rios e regatos e nos lameiros e mesmo em baldios ou pastagens pobres, ainda com alguns arbustos esparsos do *Genisto anglicae-Ericetum tetralicis* dominam logicamente os graminais do *Brachypodietum* e do *Agrosti-Arrhenatheretum* a níveis montano e altimontano e do *Nardion strictae* nos altimontano e erminiano. 10 outros graminais importa referir como os do sub-coberto de pinhal com *Agrostis curtisii*, *Pseudarrhenatherum longifolium* e *Avenula marginata* subsp. *pyrenaica*, também inserido em clareiras de matagais do *Calluno-Ulicetea* e os graminais ainda pioneiros e também acidófilos e silicícolas das terras de solos esqueléticos de xisto ou de granito, de muita pedregosidade, e em espaços abertos, soalheiros secos e clareiras de matos e em zonas envolventes das cristas rochosas das cumeadas, graminais esses constituindo pastagens pobres à base de *Agrostis delicatula*, *Molineriella laevis*, *Poa bulbosa*, *Festuca ovina*, *Festuca rubra* e *Corynephorus canescens*, ou seja integrado na *Corynephorion* e na *Therocistetea guttatae*. Nos lameiros e beiradas de ribeiros onde se instalam graminais mais ricos, pela maior fertilidade e humidade dos solos, há a assinalar outras gramineas de razoável valor forrageiro do géneros *Cynosurus*, *Poa*, *Bromus*, *Dactylis*, *Anthoxanthum*, *Festuca* e *Holcus*, sendo estas últimas também especialmente abundantes no sub-coberto de carvalhais (especialmente *H. mollis* característica do *Holco mollif-Quercetum pyrenaicae*).

Nos leitos de cheia dos cursos de água e nas faixas mais encharcadas das beiradas, os tufos característicos de certas gramineas muito higrófilas (como a *Molinea coerulea* e a *Deschampsia caespitosa*) de juncos e de ciperáceas, destas predominando os géneros *Carex* (*C. vulpina*, *C. laevigata* e *C. divisa*), *Scirpus* (*S. holoschoenus*) e *Heleocharis* (*H. palustris*).

Nesses espaços, também ricos de espécies com interesse, teremos de assinalar como mais importantes a *Caltha palustris*, *Alisma plantago-aquatica* e *Primula vulgaris* mais circunscritas aos pauís e margens de regueiros e regatos, um outro grupo de geófitos e hemisporófitos, também da denominada flora subalpina, grupo florístico que se instala preferencialmente nos lameiros, como *Dactylorhiza maculata*, *Serapias lingua*, *Gladiolus illyricus*, *Armeria transmontana*, *Linaria amethystea*, *Arnica montana*, *Cardamine pratense*, *Eriophorum angustifolium* e *Paradisea lusitanica* espécies estas quase todas felizmente de elevado poder de propagação, chegando a dominar a flora dos lameiros em esplendorosas infestações primaveris de côres vistosas, como as referidas orquídeas, os gladiolos, linárias e armérias, ou de puríssimas brancuras como o caso da erva-algodão e da açucena brava.

Ao longo das linhas de água definem-se as galerias arbóreo-arbustivas ribeirinhas do *Alnetum* com *Betula celtiberica* e *B. alba*, *Alnus glutinosa*,

*Fraxinus angustifolia*, *Ulmus* sp., *Celtis australis*, *Salix atrocinera* e *S. salvifolia*, *Erica arborea*, *Frangula alnus*, *Lythrum salicaria*, *Lysimachia vulgaris*, *Saponaria officinalis*, *Myosotis* spp., *Veronica* spp., *Viola riviniana* e outras espécies higrófilas ou mais exigentes na fertilidade dos solos como o *Crataegus monogyna*, a *Rosa micrantha* e a *Genista florida* subsp. *polygaphylla*, a elegante giesta piorneira típica dos matagais instalados em bons solos nas zonas subplanálticas montanas e altimontanas.

Também se instalam ao longo das linhas de água carvalhos robles e carvalhos pardos, além de outras folhosas companheiras dos carvalhais, que aí procuram solos profundos e férteis que tanto escasseiam num território marcado pela pedregosidade. Nessas beiradas húmidas onde os graminais, os juncais e as ciperáceas dominam, são importantes de defender certas valiosas espécies de pteridófitos dos géneros *Osmunda*, *Athyrium*, *Dryopteris*, *Blechnum*, *Phyllitis* e outros e ainda algumas aromáticas e medicinais higrófilas como o mentastro (*Mentha suaveolens*), o poejo (*Mentha pulegium*), o tomilho (*Thymus pulegioides*), a sete-em-rama (*Potentilla erecta*) e a agrimonia (*Agrimonia eupatoria*).

## SUGESTÕES NO SENTIDO DE UMA ESTRATEGIA DE PROTECÇÃO

Dada a riqueza florística desta área protegida e dada a sua proximidade em relação à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro sediada em Vila Real, a melhor estratégia, quanto a nós, para dele retirar o melhor partido pedagógico e conservacionista possível, seria a seguinte:

a) Articular o melhor possível a multifacetada potencialidade pedagógica do Parque com certos sectores e projectos em curso na UTAD, particularmente com o herbário, com o futuro banco de germoplasma e jardim botânico. Usar com critério e com os devidos cuidados os diversos habitats físicos e bióticos para visitas de estudo especializadas ou multidisciplinares, dado o seu interesse geológico, botânico, ornitológico, agronómico, zootécnico e florestal.

b) Apoio as espécies mais sensíveis, quer animais quer vegetais. Neste domínio já se estão a fazer nos viveiros e espaços verdes da UTAD propagações de *Ilex aquifolium*, *Sorbus aucuparia*, *Pyrus bourgaeana*, *Prunus avium*, *Prunus lusitanica*, *Prunus spinosa* ssp. *spinosa*, *Corylus avellana*, *Acer monspessulanum*, *Viburnum tinus* e *Crataegus monogyna*, companheiras preciosas dos carvalhais caducifólios, tirando partido dessas espécies como ornamentais e estimulando o seu cultivo em viveiro para tal fim, em vez da selvagem depredação que infelizmente ainda se faz (principalmente ao azevinho). Dentro desse espírito está nos nossos planos a recolha de sementes e/ou propágulos de espécies ainda mais raras, como a presumivelmente extinta erva-ursina (*Arctostaphylos uva-ursi*), o zimbro e o teixo, e a sua propagação em viveiro e posterior reposição nos respectivos habitats devidamente protegidos, principalmente da pastorícia e do vandalismo.

c) Colaboração, no âmbito de protocolos já firmados (ou estabelecer), com as instâncias do parque e do Serviço Nacional de Parques e Reservas no sentido de que seja incluído na área deste parque o magnífico e vulnerável carvalho da Campeã, contíguo à sua actual área e riquíssimo em muitas das espécies referenciadas nesta resenha e aliás já referido por PINTO da SILVA *et al.* (1956), e estudado recentemente num trabalho de estágio da UTAD (CARVALHO & KOE, 1988).

d) Idêntica colaboração no sentido de que sejam reinstalados sobreirais em faixas de menor altitude das áreas incendiadas de pinhal da zona sudoeste, onde existem ainda restos de matas autóctones de sobreiros e medronheiros, e sejam replantados mais carvalhos, castanheiros e bétulas nos respectivos bosques, infelizmente bastante depauperados.

e) Constituição de um Horto Botânico de plantas aromáticas e medicinais, a integrar no futuro Jardim Botânico da UTAD em cujos espaços se poderá vir a criar uma razoável diversidade de microhabitats adaptados às exigências ecológicas das espécies a proteger. O referido grupo de aromáticas e medicinais está já a ser recolhido, através de sementes e/ou propágulos vegetativos nos habitats já referidos, quer no Parque do Alvão, quer noutros locais da região, e aclimatado em viveiro um conjunto dessas plantas que constituirão o núcleo inicial do futuro Horto Botânico de Aromáticas e Medicinais.

Será a melhor maneira de tirar partido pedagógico dessas espécies difíceis de encontrar nos seus habitats dispersos, assim como de melhor as estudar nos seus aspectos fisiológicos (dormências de sementes por exemplo) e ecológicos a fim de se promover o seu cultivo, dado que está a haver uma crescente procura destas plantas para fins diversos: medicinais, veterinários, condimentares e melíferos.

f) Finalmente está nos planos de um outro departamento da UTAD o estudo dos cogumelos bravios, relativamente abundantes nalguns sub-bosques, nas feteiras das depressões sub-planálticas mais húmidas, em beiradas, bordaduras e em matagais e que também estão em riscos de degradação se não forem tomadas medidas que tentem defender mais esta parcela de todo o valioso património ecológico deste Parque Natural e de outras áreas protegidas ou a proteger da nossa região.

## REFERENCIAS

- BRAUN-BLANQUET, J., A.R. PINTO-da-SILVA, & A. ROZEIRA, 1956.- Résultats de deux excursions, géobotaniques à travers le Portugal septentrional et moyen. *Agronomia Lusitana* vol.18 (3): 167-234, Oeiras.
- CARVALHO, A. F. & T. DE-KOE, 1988.- Importância da preservação e aproveitamento das formações caducifólias (carvalhais e vidoais). *Simpósio sobre a floresta e ordenamento do espaço de montanha*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- CASTRO VIEJO *et al.*, 1990.- *Flora Ibérica* vol.2, Ed. Real Jardin Botánico, Madrid.

- COUTINHO, A. X., 1939.- *Flora de Portugal*, Ed. Sá da Costa, Lisboa.
- FERNANDES, A. C. M., 1988.- *Evolução das formas de ocupação do território no parque natural do Alvão (1947-1984)*, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.
- FRANCO, J. A., 1971.- *Nova flora de Portugal*, vol.1, Ed. do autor, Lisboa.
- FRANCO, J. A., 1981.- *Nova flora de Portugal*, vol.2, Ed. do autor, Lisboa.
- MANIQUE E ALBUQUERQUE, J. P., 1982.- *Carta ecológica de Portugal. fito-edafo-climática*, Comissão Nacional do Ambiente, Lisboa.
- MENDONÇA, F. A. & J. C. VASCONCELOS, 1970/71.- *Estudo fitogeográfico da Região Duriense*, vol.7, Anais do Instituto do Vinho do Porto, Porto.
- PINTO DA SILVA, A. R., A. ROSEIRA & F. FONTES, 1956.- Os carvalhais da Serra do Gerês-Esboço fitossociológico. *Agronomia Lusitana*: vol.12(3):433-447. Oeiras.
- RIBEIRO, J. A., 1988.- Ecologia da vegetação das matas e mortórios da região do Alto Douro, *Congresso Mundial sobre el Bosque y Matorral Mediterráneo*. Cáceres.
- RIVAS-MARTINEZ, S. 1979.- Brezales e jarales de Europa Occidental (revisión fitossociológica del *Calluno-Ullicetea* e del *Cisto-Lavanduletea*). *Lazaroa* 1:5-128, Madrid.
- RIVAS-MARTINEZ ET AL., 1990.- Vegetación de la Sierra de Guadarrama. *Itinera Geobotánica*: vol. 4. Asociación Española de Fitosociología, Univ. León.
- RIVAS-MARTINEZ, S., P. CANTÓ, F. FERNANDEZ-GONZALEZ, & D. SANCHEZ MATA, 1988.- *Ensayo preliminar para una revisión de la clase Quercetea ilicis en España y Portugal*, Dept. de Biología Vegetal, Facultad de Farmacia. Universidad Complutense, Madrid.
- RIVAS-MARTINEZ, S., P. CANTÓ, F. FERNANDEZ-GONZALEZ & D. SANCHEZ MATA, 1989.- *Si-nopsis de la vegetación saxícola del sistema central*, Dept. de Biología Vegetal, Facultad de Farmacia. Universidad Complutense, Madrid.
- TELLES, A. N., 1969.- Os lameiros de montanha do Norte de Portugal. *Agronomia Lusitana* 31 (1-2):5-130. Oeiras.



## ANEXO

## LISTA DE NOMES VULGARES

<i>Acer monspessulanum</i>	zêlha
<i>Agrimonia eupatoria</i>	agrimónia
<i>Alisma plantago-aquatica</i>	orelha-de-mula
<i>Alnus glutinosa</i>	ameiro
<i>Anemone trifolia</i> subsp. <i>albida</i>	anémona-dos-bosques
<i>Aquilegia dichroa</i>	aquilégia
<i>Arbutus unedo</i>	medronheiro; êrvedo
<i>Arctostaphylos uva-ursi</i>	uva-ursina; uva-de-urso
<i>Armeria transmontana</i>	erva-divina
<i>Arnica montana</i>	cravo-dos-alpes
<i>Asphodelus ramosus</i>	abrótea
<i>Athyrium filix-femina</i>	feto-fêmea
<i>Bellis perennis</i>	margarita; bonina
<i>Betula alba</i>	videeiro
<i>Betula celtiberica</i>	videeiro
<i>Calamintha nepeta</i>	neveda
<i>Calluna vulgaris</i>	torga - ordinária
<i>Caltha palustris</i>	mamequer-dos-brejos
<i>Campanula lusitanica</i>	campanula
<i>Cardamine pratense</i>	agrião-dos-lameiros
<i>Celtis australis</i>	lodão
<i>Chamaemelum nobile</i>	camomila
<i>Chamaespartium tridentatum</i>	carqueja
<i>Cistus populifolius</i>	estevão
<i>Cistus psilosepalus</i>	sanganho
<i>Corylus avellana</i>	aveleira
<i>Crataegus monogyna</i>	pilriteiro: catapereiro
<i>Crocus clusii</i>	açafraão-bravo
<i>Cytisus</i> ssp.	giestas
<i>Dactylorhiza maculata</i>	satarião-malhado
<i>Daphne gnidium</i>	trovisco
<i>Drosera rotundifolia</i>	orela; orvalhinha
<i>Dryopteris</i> ssp.	feto-macho
<i>Erica arborea</i>	urze-branca
<i>Erica australis</i>	urgueira; chamiça
<i>Erica cinerea</i>	queiró; queiroga
<i>Erica tetralix</i>	urze-peluda
<i>Erica umbellata</i>	queiró; queiroga
<i>Eriophorum angustifolium</i>	erva-algodão
<i>Erythronium dens-cani</i>	dente-de-cão
<i>Frangula alnus</i>	sanguinho-bastardo

<i>Fraxinus angustifolia</i>	freixo
<i>Galium verum</i>	galeão; erva-coalheira
<i>Genista anglica</i>	tojo-gadanho
<i>Genista florida</i>	giesta-piorneira
<i>Genista micrantha</i>	giesteira
<i>Gentiana pneumonanthe</i>	genciana
<i>Gladiolus illyricus</i>	espadana-dos-montes
<i>Halimium alyssoides</i>	sargaço
<i>Helianthemum numularium</i>	piloto
<i>Hispidella hispanica</i>	hispidela
<i>Ilex aquifolium</i>	azevinho; visqueiro
<i>Illecebrum verticilatum</i>	aranhões
<i>Iris xiphium</i>	lírio-amarelo-dos-montes
<i>Lavandula pedunculata</i>	rosmaninho
<i>Lilium martagon</i>	martagão
<i>Linaria amethystea</i>	esporas-bravas
<i>Lithodora-prostrata</i>	erva-das-sete-sangrias
<i>Luzula lactea</i>	erva-prateada
<i>Lysimachia vulgaris</i>	erva-dos-escudos
<i>Lythrum salicaria</i>	salgueirinha
<i>Melittis melissophyllum</i>	melissa; betónia-bastarda
<i>Mentha pulegium</i>	poejo
<i>Mentha suaveoleus</i>	mentastro
<i>Merendera pyrenaica</i>	quitamerendas
<i>Myosotis spp.</i>	miosótis
<i>Narcissus bulbocodium</i>	campainhas-amarelas
<i>Narcissus triandrus</i>	campainhas; cucas
<i>Omphalodes nitida</i>	orelha-de-rato
<i>Orchis morio</i> subsp. <i>picta</i>	testículo-de-cão; erva-de-salepo
<i>Origanum virens</i>	oregão
<i>Osmunda regalis</i>	feto-real
<i>Paradisea lusitanica</i>	açucena-brava
<i>Pentaglotis sempervirens</i>	olho-de-gato
<i>Petrorhagia nanteuillii</i>	cravina-brava
<i>Phyllirea angustifolia</i>	lentisco-bastardo
<i>Phyllitis scolopendrium</i>	língua-cervina; língua-de-veado
<i>Pinus nigra</i>	pinheiro-da-Córsega
<i>Pinus pinaster</i>	pinheiro-bravo
<i>Pinus sylvestris</i>	pinheiro-silvestre
<i>Poa bulbosa</i>	cabelo-de-cão
<i>Polygala vulgaris</i>	erva-leiteira
<i>Potentilla erecta</i>	tormentila; sete-em-rama
<i>Primula vulgaris</i>	rosas-da-páscoa
<i>Prunella grandiflora</i>	erva-férrea
<i>Prunus avium</i>	cerejeira-brava; cerdeira
<i>Prunus lusitanica</i>	azereiro
<i>Prunus spinosa</i> subsp. <i>spinosa</i>	abrunheiro-bravo

<i>Pulicaria odora</i>	erva-montã
<i>Pyrus bourgeana</i>	pereira-brava
<i>Quercus pyrenaica</i>	carvalho-pardo; carvalho-negral
<i>Quercus robur</i>	carvalho-alvarinho; carvalho-roble
<i>Rosa micrantha</i>	roseira-brava
<i>Ruscus aculeatus</i>	gilbardeira
<i>Salix atrocinera</i>	salgueiro-preto; borrazeiro-preto
<i>Salix salvifolia</i>	salgueiro-branco; borrazeiro-branco
<i>Saponaria officinalis</i>	erva-saboeira
<i>Serapias lingua</i>	erva-língua
<i>Sorbus aucuparia</i>	tramazeira; carnogodinho
<i>Sphagnum spp.</i>	musgo
<i>Thymus caespititius</i>	tomilho-rasteiro
<i>Thymus mastichina</i>	tomilho-dos-montes
<i>Thymus pulegioides</i>	tomilho
<i>Thymus zygis</i>	tomêlo
<i>Ulex europaeus</i>	tojo-arnal
<i>Ulex minor</i>	tojo-molar
<i>Ulmus spp.</i>	ulmeiro
<i>Vaccinium myrtillus</i>	arando; uva-do-monte
<i>Viburnum tinus</i>	folhado
<i>Viola riviniana</i>	violeta